

INCÊNDIOS

ANIMAIS EM AGONIA NA TEMPORADA DO FOGO

Chamas deixam rastro de destruição na vida silvestre em Minas, com bichos carbonizados, feridos ou em fuga. O resgate é difícil, e os sobreviventes enfrentam a "fome cinzenta"

SÍLVIA PIRES

Acada incêndio florestal que varre as paisagens de Minas Gerais, as pegadas de milhares de animais silvestres também se apagam para sempre. De janeiro a agosto deste ano, os bombeiros registraram 57 ocorrências de salvamento de espécies da fauna silvestre em perigo no estado, um aumento de 35,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Esses números, porém, são apenas uma pequena fração do impacto real que o fogo causa na vida local. Muitos animais não são encontrados a tempo de serem resgatados; outros não conseguem sobreviver às queimaduras, à inalação de fumaça ou à "fome cinzenta" que se segue à destruição do ecossistema.

A tragédia não é nova, mas este ano se intensificou com a seca prolongada e as ações humanas que deliberadamente ou por descuido, transformam vastas áreas verdes em cinzas. Agosto foi o mês com o maior número de incêndios florestais em quatro anos, totalizando 6.062 focos. E os primeiros dias de setembro já seguem a mesma linha: são 1.733 incêndios até o dia 9, o que equivale a 58% do total dos 30 dias do mesmo mês no ano passado, de acordo com o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG). Nas matas, as chamas deixam um rastro de destruição, com animais carbonizados e até ovos de aves que acabam "cozidos" pelo fogo. À medida que as labaredas avançam, animais como cobras, pacas, araras, tucanos e micos são obrigados a fugir em busca de refúgio.

Quando as chamas se espalham, a prioridade dos bombeiros é o combate ao fogo. No entanto, em muitos casos, eles se veem diante de animais feridos e desorientados. O sargento Allan Azevedo, do CBMMG, explica que, nesses casos, a equipe precisa decidir rapidamente o que fazer. "Se o animal estiver machucado ou correndo algum risco, conduzimos até os Centros de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) ou clínicas veterinárias parceiras. Se não houver ferimentos, levamos para um local seguro, longe das chamas, onde possam se abrigar", disse, em entrevista ao Estado de Minas. Antes de realizar a soltura, os bombeiros avaliam cuidadosamente o local, garantindo que ele ofereça alimento, abrigo e condições adequadas para a espécie.



FOTOS: INSTITUTO HABITAT/DIVULGAÇÃO

VOLUNTÁRIOS DO INSTITUTO HABITAT DURANTE TRABALHO DE RESGATE DE ANIMAIS SILVESTRES FERIDOS EM ÁREA DESTRUIDA POR QUEIMADA: FALTA DE ALIMENTOS É EMPELHO EXTRA À SOBREVIVÊNCIA

A crescente demanda por resgates de animais em queimadas revela uma séria limitação: a insuficiência de pessoal para lidar com o aumento exponencial de ocorrências. Com 95 unidades de conservação monitoradas em todo o estado, os bombeiros contam com o apoio de entidades parceiras, como o Instituto Habitat, que atua na Região Central de Minas Gerais, para auxiliar no combate ao fogo e resgate da fauna silvestre. A captura desses animais é um desafio por si só, agravado pelo relevo acidentado e de difícil acesso nas

áreas atingidas. "A principal dificuldade é, muitas vezes, identificar os animais, especialmente aqueles em áreas abertas. Enquanto se tenta resgatar um, o fogo pode continuar avançando, colocando outros em risco", revela o Tiago Lage, presidente da entidade.

O trabalho de resgate feito pelo Instituto Habitat é voluntário e focado no primeiro atendimento emergencial. Muitas vezes, os animais precisam de intervenções cirúrgicas ou ortopédicas para sobreviver às queimaduras ou ferimentos causados pela fuga de

esperada das chamas. A entidade também realiza o acompanhamento e reabilitação daqueles que precisam de mais tempo para se recuperar. Quando um animal é considerado apto para voltar à natureza, ele é liberado em áreas seguras e em condições que aumentem suas chances de sobrevivência. "Para espécies que vivem em bandos, como a maritaca, a gente tem que pensar em uma soltura conjunta, para garantir que o animal se reintegre ao hábitat de forma eficaz", detalha Lage. ▶▶

DEPOIS DAS CHAMAS, A "FOME CINZENTA"

COMO VIDA SEMPRE RECORDADO DE 148 DIAS SEM CHOVIA EM UM ANO DE 1963, o verão brasileiro desde os anos 1960, o cenário se repete em algumas regiões. Porém, a fauna. "A queda de chuva é a principal dificuldade para resgatar esses animais machucados", diz o presidente do Instituto Habitat, Tiago Lage. Segundo ele, a falta de chuva cria um cenário de "fome cinzenta", em que os sobreviventes enfrentam a falta de alimentos e água. Além disso, a falta de chuva também dificulta o trabalho de resgate, pois as áreas afetadas ficam mais secas e os animais ficam mais vulneráveis. "Muitos animais morrem dias ou semanas depois do fogo, vítimas de desidratação e desidratação", afirma Lage. O Instituto Habitat atua em várias frentes para garantir a sobrevivência dos animais sobreviventes à queimada, incluindo a distribuição de água e alimentos, a criação de pontos de água e a realização de soltura temporária, diz Lage.

LONGA ESTIAGEM

Neste fim de semana, ao menos cinco municípios mineiros devem atingir ou ultrapassar 160 dias sem chuvas. Por sua vez, 844 podem completar os 150 dias sem precipitação na segunda-feira. Segundo o ranking da Região Central do estado, uma das mais atingidas, e o município há mais tempo sem chuvas: 160 dias completados ontem. No ranking de estagim mais prolongada, consideramos a data de ontem, estão: Leopoldina, com 160 dias; Leopoldina, 160; Januária, 159 e São Romão, 158. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), não há previsão de precipitação para a maior parte do estado, com exceção das regiões ao sul de Minas, próximas de São Paulo e Rio de Janeiro. Hoje, a temperatura máxima em 141 locais era de 24°C, e em Minas, de 39°C.



LOBO GUARA, MICO, TATU, MARITACA E UMA BOBÓ DE GAVÃO DAS CHAMAS. BICHOS FERIDOS SÃO LEVADOS PARA REFÚGIO, E QUANDO POSSÍVEL, DEVOLVIDOS PARA A NATUREZA

Esperamos pelas queimadas, os bichos que escapam da fumaça, ainda assim precisam ser resgatados. Um exemplo disso foi o bobó de gavião, encontrado em uma queimada em uma fazenda na Região Central de Minas Gerais. O animal estava machucado e em estado de pânico. Foi resgatado por voluntários do Instituto Habitat, que o levaram para um refúgio. O bobó de gavião é uma espécie ameaçada de extinção, e sua sobrevivência depende de cuidados especiais. "O resgate de animais silvestres é um trabalho delicado, pois os animais precisam de cuidados especiais para sobreviver", afirma Lage. O Instituto Habitat atua em várias frentes para garantir a sobrevivência dos animais sobreviventes à queimada, incluindo a distribuição de água e alimentos, a criação de pontos de água e a realização de soltura temporária, diz Lage.

ESTATÍSTICA TRÁGICA

- 57 ocorrências de resgate de animais em queimadas
- 35,7% a mais do que no ano passado
- Até 16 de setembro, 1.733 incêndios em áreas verdes em Minas
- 58% do total do mesmo mês de 2023

A sobrevivência de animais silvestres, na maioria das vezes, depende de intervenções emergenciais. Um exemplo disso foi o bobó de gavião, encontrado em uma queimada em uma fazenda na Região Central de Minas Gerais. O animal estava machucado e em estado de pânico. Foi resgatado por voluntários do Instituto Habitat, que o levaram para um refúgio. O bobó de gavião é uma espécie ameaçada de extinção, e sua sobrevivência depende de cuidados especiais. "O resgate de animais silvestres é um trabalho delicado, pois os animais precisam de cuidados especiais para sobreviver", afirma Lage. O Instituto Habitat atua em várias frentes para garantir a sobrevivência dos animais sobreviventes à queimada, incluindo a distribuição de água e alimentos, a criação de pontos de água e a realização de soltura temporária, diz Lage.

PREVENÇÃO

Apesar do aumento nos incêndios e do impacto devastador sobre a fauna, a prevenção ainda é negligenciada em muitas áreas. Tiago Lage, presidente do Instituto Habitat, afirma que a falta de fiscalização em áreas de risco é uma das principais causas dos incêndios. "Muitas vezes, as áreas de risco não são devidamente monitoradas, e isso aumenta o risco de incêndios", afirma Lage. Além disso, a falta de educação ambiental também é uma das principais causas dos incêndios. "Muitas vezes, as pessoas não sabem o que fazer em caso de incêndio, e isso pode agravar a situação", afirma Lage. O Instituto Habitat atua em várias frentes para garantir a prevenção dos incêndios, incluindo a realização de campanhas de conscientização e a criação de pontos de água e alimentos. "A prevenção dos incêndios é um trabalho contínuo, e precisamos trabalhar em conjunto para garantir a sobrevivência dos animais silvestres", afirma Lage.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Gerais **Página:** 24-25